

# Caso Sheyla<sup>1</sup>

01

Sheyla dos Santos tem 45 anos e é moradora do Alto Santa Fé, sendo atendida na Unidade de Saúde da Família (USF) de mesmo nome. É casada com João Carlos, de 53 anos, que trabalha como representante comercial e, por isso, precisa viajar a trabalho. O casal tem 3 filhos: Daniel (28 anos) e João Ivo (15 anos) que residem com eles; além da filha Ana (24 anos), que casou-se, tem filhos e mora no mesmo pátio. Juntamente com Sheyla e João, vivem também os pais de Sheyla. Ela procura a USF apenas quando é chamada, apesar de sua saúde 'sempre ser muito ruim'.

Recentemente, recebeu visitas da Agente Comunitária de Saúde, Márcia Giovanela, acompanhada pelos alunos de Medicina que estão fazendo um estágio de férias na USF. Durante a visita, os alunos de Medicina, Marcos e Eduardo, explicaram à Sheyla que estariam naquele bairro durante 45 dias e gostariam de acompanhar sua família. Inicialmente, Sheyla achou estranho, mas quando viu os estudantes no trabalho em conjunto com a Márcia., além da periodicidade de visitas que os mesmos realizavam, achou que poderia ser 'mais uma ajuda e ajuda nunca é demais'.

Marcos e Eduardo participaram da reunião de equipe semanal e tiveram a oportunidade de, em conjunto com a agente, relatar que Sheyla estava angustiada, pois iria voltar ao trabalho na próxima semana e, apesar de trabalhar no mesmo bairro em que mora, não sabia se iria ter tempo de comparecer na consulta agendada, pois D. Albertina, sua mãe, estava 'cada dia pior'.

Sheyla compareceu à consulta na hora marcada, mas muito aflita para ir embora.

Dr. Ivo: — Oi, Sheyla, como vai?

D. Sheyla: — Oi, Doutor. Vim aqui rapidinho porque tenho que cuidar de minha mãe.

Dr. Ivo: — Ah, sei... Você cuida dela há muito tempo, não é? E como ela está?

D. Sheyla: — Sim, deve fazer uns cinco anos mais ou menos, desde que ela começou com o Alzheimer, já viu, 'né'... Não sai da cama já faz todo esse tempo. Está tomando aquela medicação pra memória que o neurologista passou, mas não adianta, não. O pai, que tem 89 anos, é que sofre muito com isso.

Dr. Ivo: — E você cuida dos dois, Sheyla?

D<sup>a</sup> Sheyla: — Cuido sim, mais dela mesmo. Cuidar da mãe tem me deixado desgastada, sabe... Eu já nem tenho muito tempo para as minhas coisas. E o pior é que a mãe depende de mim pra tudo e ninguém lá em casa me ajuda. Tem que dar banho, trocar fralda, dar de comer. Agora o brabo é limpar a boca, me dá um nojo que o senhor nem quer saber... Eu ando sem saber pra onde correr...

Dr. Ivo: — Mas o que está acontecendo com a senhora? Como estão aquelas dores que vinha sentindo?

<sup>1</sup> O Caso Sheyla, baseado nos casos complexos da Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade, de autoria de José de Almeida Castro Filho, foi adaptado para o curso de Especialização em Saúde da Família da UFCSPA pelos professores Aline Correa de Souza, Fernando Neves Hugo, Gisele Nader, Luciana Pinheiro e Marcelo Gonçalves.

D. Sheyla: — Ai, Doutor... Andei melhor um pouquinho, mas cada dia piora mais... É dor aqui nos ombros, no pescoço, joelhos... Dói tudo o tempo todo, fico nervosa com isso. Andei tomando até diclofenaco direto, mas não melhora. E isso vai tirando tanto a energia da gente que acabo ficando sem disposição até pra me cuidar.

Dr. Ivo: — Sim...

D. Sheyla: — Pois é, e o João não me entende. Agora que mais preciso dele, ele vai viajar de novo. Parece que faz de caso pensado.

Dr. Ivo: — Mas, a senhora já pediu a ajuda dele?

D. Sheyla: — Não adianta, não, doutor, melhor é ficar calada no meu canto.

Dr. Ivo: — A senhora já notou se esse quadro de dor piora ou melhora em alguma época específica?

D. Sheyla: — Não, Doutor, nunca parei pra pensar nisso não. Mas dói o tempo todo.

Dr. Ivo: — Como está de atividade física? Tem feito algum exercício?

D. Sheyla: — Ih, o tempo todo... Pegar a mãe dá um trabalho danado.

Dr. Ivo: — Sim, mas fora isso, sai um pouco pra caminhar...

D. Sheyla: — Não, já trabalho muito lá e em casa também. E nem tenho ânimo pra isso. Sinto essas dores que não passam.

Dr. Ivo: — É, D. Sheyla, mas quanto mais a senhora fica parada, mais vai doer.

D. Sheyla: — Doutor, não tem um “remedinho” para melhorar, não? Aquele que o Ortopedista me passou não fez efeito. E olha que paguei consulta particular...

Dr. Ivo: — D. Sheyla, até tem alguma coisa que podemos fazer juntos, mas a senhora vai precisar modificar algumas coisas.

D. Sheyla: — Mas o quê? Só quero parar de sentir dor...

Dr. Ivo: — Como tem estado seu sono? Dorme bem?

D. Sheyla: — Mais ou menos, acordo cansada e sinto que não dormi bem durante a noite.

Dr. Ivo: — Acorda antes da hora?

D. Sheyla: — Quase sempre antes do sol nascer, a dor é pior de manhã também.

Dr. Ivo: — Tem se achado menos alegre?

D. Sheyla: — Quem? Eu? É... Normal... quer dizer, tudo 'tá' meio cinza, sem graça e... (começa a chorar).

Dr. Ivo aguarda um pouco antes de retomar a consulta e, segurando a mão de D. Sheyla, diz: — É, Sheyla, parece que a sobrecarga tem sido grande neste período, 'né'? João viajando sempre, os pais doentes em casa, netos pequenos... Quanta coisa junto, parece que o quadro de depressão está

voltando, já tínhamos conversado sobre essa possibilidade. Lembra?

D.Sheyla: — Ahã, snif... snif...

Dr.Ivo: — E que se isso acontecesse, retomariamos o tratamento. Como já conversamos anteriormente, parece uma noite que não tem fim, mas ela acaba. Com calma e acompanhamento médico, essa nuvem negra se dissipa, não é mesmo?

D.Sheyla: — Ahã, eu sei, Doutor, eu sei... — enxugando as lágrimas.

Dr. Ivo: Bom, mas preciso saber, pra ficar tranqüilo, sobre aqueles pensamentos de morrer, de se suicidar. Voltaram?

D.Sheyla: — Não, de jeito nenhum. Ainda mais agora com os netinhos aí e a Ana precisando de mim...

Dr. Ivo: — Certo, certo... bem, deixe-me ver aqui seu prontuário, ver o tratamento anterior e depois vamos passar ali na maca para eu examiná-la...

Após verificar o prontuário da paciente, Dr. Ivo procedeu ao exame físico, encontrando pontos dolorosos nas regiões: cervical, infra-claviculares, ombros, cotovelos e região lombar. Também notou consistência muscular paravertebral aumentada em região lombar, fazendo D. Sheyla se queixar durante a palpação.

Ao pesar a paciente, notou ganho ponderal de 02 kg em 5 meses.

Também procedeu às manobras de mobilização cervical, encontrando resistência na sua realização. Não foram identificados sinais de alerta ou irradiações. Durante as manobras de exploração em relação à dor nos ombros, também não encontrou alterações.

Dr Ivo: — D. Sheyla, já faz um tempo que não visito sua casa, não é? Como está o seu João?

D. Sheyla: — Trabalhando muito, doutor. Mas piorou mesmo tem uns 4 anos... Sem precisar, sabe. Não sobra, mas também não está faltando para ele sair assim assumindo o posto de viagem no trabalho.

Dr. Ivo: — E quando ele volta, agora?

D. Sheyla: — Ah, daqui umas duas semanas... Mas sai logo em seguida.

Dr. Ivo: — A senhora acha que podemos programar uma visita nesse período?

D.. Sheyla: — Vamos ver, doutor... Depende de minha mãe.

Dr. Ivo: — Certo, mas vamos deixar pré-marcado. Pode ser?

Dª Sheyla: — Tudo bem, mas e a minha dor?

Dr. Ivo: — Por enquanto, vou passar este remédio aqui para você, mas ele só vai ajudar mesmo se a senhora colaborar...

D. Sheyla: — Eu tomo direitinho...

Dr. Ivo: — Não é só isso. Junto com ele tem algumas coisas que a senhora precisa modificar...

D. Sheyla: — Não vai pedir nenhuma radiografia?

Dr. Ivo: — Não, D. Sheyla, mas vou pedir uns exames de sangue para ver como está sua tireóide e colesterol, certo?

D. Sheyla: — Tudo bem...

Dr. Ivo: — Daqui a duas semanas, então, vamos nos encontrar de novo. Vou lhe fazer uma visita e gostaria de encontrar o Sr. João, certo?

D<sup>a</sup>. Sheyla: — Os meninos da Medicina vão também?

Dr. Ivo: — Não sei ... Vai depender do horário deles.

A consulta foi finalizada com a entrega das solicitações de exames: hemograma completo, glicemia de jejum, colesterol total, HDL colesterol, triglicerídeos, TSH, T4 livre.

Na reunião de equipe Dr. Ivo comentou sobre o caso de Dona Sheyla. Então, no turno de visita domiciliar da Enfermeira Aline, ela acompanhou a Agente Comunitária de Saúde Márcia à casa de D. Sheyla, que é cuidadora dos pais e tem histórico de depressão. A visita foi solicitada pelo seu marido que, ao voltar de viagem, percebeu-a sem ânimo e chorosa, o que antecipou a estratégia de visita do Dr. Ivo. Ao chegarem na casa, foram recebidas pela dona da casa. Ela estava com a aparência abatida, os olhos vermelhos e com leve edema, sugerindo choro recente. Márcia cumprimenta D. Sheyla e explica o motivo da visita.

ACS. Márcia: — Ô, minha amiga, trouxe a Enf<sup>a</sup>. Aline junto pra vermos como estás, o compadre disse que não tens tomado os remédios?

D. Sheyla: — As coisas não estão fáceis, ele vive viajando, nem sabe de mim, eu quero mesmo é dar um fim na minha vida, não tenho mais serventia. E agora, além das dores, eu ando com uma ardência na boca, que não me deixa nem dormir direito.

Enf<sup>a</sup>. Aline: — Oi, D. Sheyla, há tempo não nos víamos. Vai na unidade, fala com a Cirurgiã-dentista Lidiana pra ela marcar uma consulta pra ver isso, está bem? Além disso, o que aconteceu pra senhora estar assim, tão desesperançosa?

D. Sheyla: — Olha, doutora, 'acontecê', não aconteceu nada de novo, mas as coisas foram perdendo a graça. É muita preocupação com 'os velhos'.

Enf<sup>a</sup>. Aline: — E sua medicação? Como a senhora vem tomando? Tem remédio em casa? Diga-me como toma.

D. Sheyla: — Eu não vou mentir, não 'tô' tomando, o remédio 'tava' me dando fraqueza, me deixando com 'tremura' por dentro...

Enf<sup>a</sup>. Aline: — E seu sono, como tem dormido?

D. Sheyla: — Não tenho dormido bem, há três dias não 'prego o olho'...

Enf<sup>a</sup>. Aline: — A senhora falou em 'dar fim na sua vida', o que a senhora quis dizer com isso? No que tem pensado?

D. Sheyla fica com o olhar vago e fala com o olhar ainda distante:

D. Sheyla: — Às vezes ouço uma voz, ela diz que eu 'tô' muito doente, vou morrer...

Enfª. Aline: — D. Sheyla, quem está lhe ajudando com seus pais?

D. Sheyla: — A Ana, minha filha, não 'tá' trabalhando e tem me ajudado. Ela 'tá' ali com eles, ou na casinha dela.

Todos moram no mesmo pátio. Enfª. Aline se dirige à D. Sheyla:

Enfª. Aline: — Minha querida, neste momento estás precisando de cuidados, não debes ficar só, vou conversar com Ana, pra te acompanhar. Além disso, nos acompanharás até a unidade, o Dr. Ivo poderá ver tua medicação.

D. Sheyla: — Pode me dizer, eu 'tô' ficando louca, não é?

ACS. Márcia: — Não é nada disso, D. Sheyla. A senhora está com problema de saúde e precisa se tratar, assim como precisa tomar remédio para a sua tireóide, que não produz bem o hormônio. Precisa também tomar remédio para regular seu humor e o que acontece com o uso irregular, é o que tens sentido, essa tristeza que parece não ter fim. O Dr. Ivo verá a dosagem e quais remédios a senhora precisa tomar. Além disso, a senhora poderá ter acompanhamento com a psicóloga do Núcleo de Apoio à Saúde da Família, para conversar um pouco mais sobre as suas angústias.

Após conversar com D. Sheyla, Aline e Márcia retornaram até a Unidade de Saúde.

Passados dois dias, D. Sheyla aparece na unidade querendo uma consulta com a Cirurgiã-dentista Lidiana, pois a sensação de ardor na boca não diminuiu e a Enfª. Aline disse para ela marcar uma consulta para que sua situação fosse avaliada.

D. Sheyla: — Oi, Joana, eu quero consultar com a Dra. Lidiana. Tem como me conseguir pra hoje? 'Tô' com uma queimação na boca que não me deixa nem dormir.

Téc. Enf. Joana: — Hum... A agenda da Dra. Lidiana fica com a Érica, que é atendente do gabinete odontológico. Só um pouquinho que vou ver se ela pode vir aqui falar contigo.

Joana, então, bate na porta do consultório odontológico. A Auxiliar de Saúde Bucal Érica atende e responde, quase sussurrando, para que o usuário na cadeira não ouça: “Oi, Joana. A gente tá com uma extração complicada aqui. Pode voltar daqui a uns minutinhos?”

Téc.Enf. Joana: — É que tem uma usuária que 'tá' com uma reclamação de dor...

Érica se dirige à C.D. Lidiana: — “Doutora, tem uma usuária com dor aí fora... O que eu falo pra Joana dizer à ela?”

C.D. Lidiana: — Aqui nós ainda vamos um tempo (tentando não passar a ansiedade que sente pela dificuldade do procedimento ao paciente sentado na cadeira). E, além disso, estamos com a agenda cheia. Se ela quiser, pode esperar que se faltar alguém a gente encaixa no horário.

Érica transmite à Joana o encaminhamento da dentista. Cerca de uma hora e meia depois, um dos pacientes agendados não aparece e D. Sheyla é atendida.

Aux.Buc. Érica: — Pode passar, D. Sheyla, a Doutora Lidiana vai lhe atender.

D. Sheyla: — Oi, Doutora, obrigada por me atender.

C.D. Lidiana, irritada pelo adiantado da hora, pensa o que ainda está fazendo nesse lugar, depois da complicação que foi a exodontia, responde de forma seca.

C.D. Lidiana: — O que está incomodando a senhora?

D. Sheyla: — 'Tô' com uma queimação na boca que nem me deixa dormir de noite.

C.D. Lidiana: — E há quanto tempo a senhora está com isso?

D. Sheyla: — Já faz uns meses...

Lidiana, então, pede à Aux. Buc. Érica um trio para examinar D. Sheyla, que logo senta na cadeira e se submete ao exame clínico bucal. Ao exame topográfico da mucosa, Lidiana descarta a presença de lesões de mucosa que causam sensação de ardência, como líquen plano, candidíase e "língua geográfica". Considera a ausência de achados clínicos importante e admite a hipótese de Síndrome de Ardência Bucal, mas não se sente segura para um diagnóstico definitivo; resolve encaminhá-la para o Serviço de Estomatologia da Faculdade de Odontologia em Passo Fundo.

C.D. Lidiana: — Olha só, D. Sheyla, seu problema me parece ser Síndrome de Ardência Bucal, mas eu acho melhor que a senhora consulte um especialista em Passo Fundo. A Érica faz um encaminhamento, lá eles podem investigar mais e pedir exames pra confirmar.

D. Sheyla: — 'Tá' certo, doutora. Mas não é grave, né?

C.D. Lidiana: — Não, Dona Sheyla, pode ficar tranqüila. É só pra se certificar que é isso mesmo e pra que a senhora tenha o melhor tratamento.

D. Sheyla: — Muito obrigada, doutora. Vou procurar a Universidade em Passo Fundo, então.

C.D. Lidiana: — Sim, Dona Sheyla, não deixe de ir e qualquer coisa volte, até logo.

D. Sheyla: — Até mais ver....